Illustração Portugueza

DIRECTOR. Carlos Malheiro Dias = EDITOR José Joubert Chaves

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha	
Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura conjuncta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portugueza
PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — *Rua Formosa*

Summario

LICOR VEGETAL

O melhor remedio e purificador de todas as molestias provenientes da impureza do sangue

PREÇO

1 frasco. 1$000 réis
7 frascos 6$000 réis

Para provincia PORTE GRATIS

Todos os pedidos devem ser feitos assim:

PHARMACIA BRAZILEIRA
15, L. de S. Domingos, 15-A
LISBOA

Sedativo BEIRÃO

ANTI-DYSMENORRHEICO

E' o mais adequado e soberano medimento para todos os soffrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrhea). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dôres reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hystericos e outros; nauseas, vomitos, diarrhea, abate a elevação do ventre por accumulação de gazes, a turgidez das veias das pernas e das hemorrhoidarias que muito complicam as menstruações irregulares. **O Sedativo «Beirão»** actua com especialidade sobre o utero, orgãos annexos e dependentes, dá-lhes energia muscular, regularisa as suas funcções e é muito efficaz na atonia dos ovarios e na debilidade ou fraqueza do utero. E' indispensavel na amenorrhea accidental ou suspensão subita das regras por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. **O Sedativo Beirão** contém propriedades tonicas, adstringentes e antisepticas, muito efficazes para debellar o fluxo branco-utero vaginal (leucorrhea).

O Sedativo «Beirão» é de grande valor therapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estas visceras que, quando invertido, é origem e sustentaculo de graves perturbações gastro-intestinaes, diminue a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio da circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e de outras molestias que sobrevêem pela cessação final dos menstruos n'esta mudança da vida da mulher. **O Sedativo» Beirão«** não é contra indicado nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de lesões d'aquelles orgãos ou de intervenção cirurgica.

DEPOSITOS AUCTORISADOS:

Em Portugal: Pharmacia Liberal—*Avenida da Liberdade, 167; Lisboa.*

Pharmacia do Padrão — *Rua Formosa, 10, Porto.*

Inglaterra e colonias: Mr. J. Wyman.

Export Druggist. *58 e 59, Bunhill Row London, E. C*

O principio e seguimento das minhas regras mensaes foi sempre annunciado e acompanhado de perturbações que constituiam para mim um verdadeiro martyrio e muitas vezes perdia os sentidos.

Foi n'uma d'estas crises que o meu medico assistente, o ex.mo sr. dr. Arantes Pereira me prescreveu o Sedativo Beirão Anti-dysmenorrheico, cujos effeitos calmantes se não fizeram esperar.

Tenho repetido o uso d'este agradavel remedio, uma semana em cada mez, e noto com verdadeira surpreza que as regras apparecem agora regularmente e sem dores.

Nem nos remedios caseiros nem das pharmacias jámais consegui um allivio.

Porto, rua de S. Lazaro, 126, em 30 de novembro de 1905.—Escilia Aurelia Fernandes.

(Segue o reconhecimento do tabellião Antonio Borges d'Avellar).

Instructions pour l'usage en portugal, en espagnol, en français, en anglais, en italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hebraïque.

Prix du flacon: huit francs. Franco pour tous les pays de l'Union postale contre mandat de poste adressé à Marciano Beirão. Avenida da Liberdade, 167—Lisbonne.

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã) Valle Maior (Albergaria a Velha)

Installadas para uma producção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encommendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórma.

ESCRIPTORIOS E DEPOSITOS

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276
PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereços telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO.
PORTO — PRADO — Lisboa: Numero telephonico 308.

CASA ESPECIAL DE CAFÉ DO BRAZIL

A. Telles & C.ª

Rua Garrett, 120 (Chiado), LISBOA—Rua Sá da Bandeira, 71, PORTO

TELEPHONE N.º 1438

Café especial de Minas Geraes (Brazil)

Este delicioso café, cujo aroma e paladar são agradabilissimos, é importado directamente das propriedades e engenhos de **Adriano Telles & C.ª, de Rio Branco, Estado de Minas Geraes** e não contem mistura de especie alguma. **Todo o comprador tem direito a tomar uma chavena de café gratuitamente.**

A 1.ª EXPOSIÇÃO D'ARTE DA ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Diversos aspectos do Salão de festas da *Illustração Portugueza*

O renascimento que se esboça na ourivesaria é, por ora, mais technico que propriamente artistico, pelo menos no sentido mais alto que esta palavra reveste. Não são os creadores que se affirmam, delineando formas novas representativas da epoca presente, ou procurando dar ás antigas uma feição e caracter que as torne, tanto quanto possivel, de hoje e as adapte ás necessidades e ao modo de ser actual. N'este sentido, parallelamente ao muito que nas rendas tem feito a illustre artista sr.ª D. Maria Augusta Bordallo, só na filigrana alguma coisa se tem feito de verdadeiramente notavel.

Os mais importantes exemplares creados n'estes ultimos annos, a baixella Barahona, a baixella do visconde de S. João da Pesqueira e a espada de Mousinho de Albuquerque, esta infelizmente ausente da exposição agora aberta ao publico no salão de festas da *Illustração Portugueza*, marcham todos na mesma esteira. Delineados e modelados por artistas notaveis: Columbano, Raphael Bordallo e Teixeira Lopes, se não são copias servis e affirmam o talento de composição dos seus auctores, assentam entretanto sobre moldes conhecidos. Raphael Bordallo foi talvez o unico a quem era permittida uma maior liberdade. Coube-lhe um estylo ainda por formar, estylo por isso liberto de *canons* e peias, mas se o seu grandissimo talento brilha a espaços n'essa obra technicamente notavel, a sua falta de educação especial e o pouco enthusiasmo com que a delineou fazem com que essa baixella não seja o que podia ter sido.

A renascença, em moldes renovados, da filigrana, renascença em que se empenham as tres casas a que adeante nos referimos, essa é já um pouco mais ousada. Essa antiquissima industria artistica que, com as outras do ouro, teve

UM ASPECTO DA EXPOSIÇÃO DE OURIVESARIA ARTISTICA, ORGANISADA PELO OURIVES PORTUENSE JOSÉ ROSAS JUNIOR NO SALÃO DE FESTAS DA «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA»

a sua epoca de apogeu nos seculos XV e XVI, quando, parallelamente ao que se fazia para os objectos de culto religioso, se guarneciam os moveis das camaras das fidalgas e mulheres ricas de então com os cofres e bahus de filigranas cheios de polvilhos e perfumes, transformou-se, presentemente, de um typo simples de joalheria decadente, n'um typo riquissimo de joalheria composita. A casa Leitão, de Lisboa, foi a primeira a seguir esse caminho. Foi ella que, trazendo, de Gondomar para Lisboa, alguns feitores d'esse antiquissimo ramo de ourivesaria, e alliando ao arabesco do fio de ouro a translucidez do crystal, a que, mais tarde, juntou a riqueza dos esmaltes e a polychromia barbara e ricamente bysantina das pedras, chamou verdadeiramente a attenção geral para esse ramo tão popular, mas tão despresado, da nossa arte do metal. Ha annos já que a propaganda de Joaquim de Vasconcellos e Ramalho Ortigão se fazia n'esse sentido, mas, como sempre, a lição viva do objecto fabricado prevaleceu sobre as theorias impressas tão rapidamente lidas como esquecidas.

E esta propaganda, fructificando, trouxe á tentativa de renascença da nossa ourivesaria novos elementos. Do crystal, em que a renda das filigranas ganha tão grande relevo, passou-se para a ceramica, e, como Raphael Bordallo viesse ao tempo resuscitando todas as formas mais puras da nossa velha olaria, desde o pucaro de Estremoz ao pote de Chaves, a prata e o ouro que, só até então, tinham servido para a affirmação do talento dos cinzeladores e lavrantes ou para engaste de gemmas preciosas, começaram a alliar-se ao barro tôsco e vidrado, passando mais tarde tambem a substituir-se por vezes a estes materiaes.

Gumil Renascença em prata cinzelada

N'este ponto, sem se sahir do campo da reproducção das velhas formas, tem-se obtido effeitos lindissimos. As formas pesadas do cangirão e da talha, ornamentadas na maneira faustuosa de D. João V, e fundidas em prata, ganham um encanto e magestade que lhes dão apparencia de inéditas, e as reducções dos velhos contadores de torcidos, e dos classicos arcazes de faces lizas, com applicações de prata, teem um grande e typico sabor.

Mas, mesmo n'este campo restricto, o trabalho tem sido e será arduo. Portugal contra a opinião corrente, como o demonstrou o sr. Joaquim de Vasconcellos (1), foi rico na ourivesaria profana. Mas a evolução do gosto e as necessidades de momento fizeram com que uma grande parte dos objectos de ourivesaria, creados nos seculos XV e XVI, fossem desapparecendo, successivamente fundidos ou levados para fóra do paiz. O que faz com que sejam raros os exemplares que nos restam das taças, pratos, gomis, justas, confeiteiras, albarradas (1) e bernagaes que, n'essa epoca, cobriam os bufetes, contadores e credencias das nossas casas nobres, ao mesmo tempo que as condessas e açafates de obra de prata pejavam, carregadas com as mais formosas peças de costura, as mezas e arcazes. (2)

Só a ourivesaria religiosa escapou a este desbaste. O sentimento da epoca fez com que, felizmente, fossem respeitados a maior parte dos exemplares fabricados para o culto. E é sobretudo para lamentar aquella destruição, porque, pelos inventarios da epoca, se vê quão variados eram esses modelos.

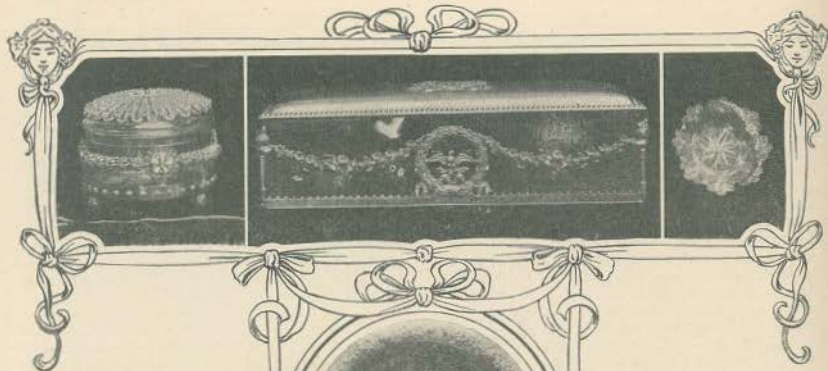
Sem tradições como a ourivesaria religiosa, a ourivesaria profana, provendo ás necesidades de momento na epoca em que o ouro da India inundava o nosso paiz, como mais tarde o inundou o do Brazil, desentranhou-se em formas multiplas, tantas como as phantasias dos consumidores e como os misteres que eram chamadas a preencher, e que iam desde os mais solemnes até aos mais reservados e communs como os de serviço de *recamara* e de *cosinha*. (3)

N'estas condições, a reconstituição dos velhos typos é difficilima. Reduzido a pouquissimo n'esse ponto o nosso patrimonio, e esse mesmo espalhado por differentes regiões, e nas mãos de particulares, que, na maior parte, de um mesmo jogo de peças só estão de posse de uma pequena parcella, o nosso trabalhador do ouro, só á custa de penosos sacrificios, consegue reunir elementos que lhe permittam uma reconstituição racional e honesta. Columbano, que foi o delineador da baixella Barahona em que se procura reatar a tradição interrompida desde meado do seculo XVIII, sabe bem as difficuldades que lhe trouxe essa falta á realisação da sua obra, por tantos titulos notavel. Essa baixella, reconstituição da chamada variante D. João V, sobre ter todos os caracteristicos da maneira escolhida, é essencialmente constructiva. A sua decoração, fundamentalmente rica e magestosa, em nada prejudica a elegancia da sua structura, antes lhe dá relevo, nascendo logicamente d'aquella para seu maior realce e encanto.

D'esta difficuldade na acquisição de elementos, uma coisa resalta: a necessidade da creação de um museu de artes decorativas, creação por que

[1] A ourivesaria profana. Estudo de Joaquim Vasconcellos publicado na *Arte Portugueza*.

[1] Vaso com azas, em que se costuma pôr flores. Bluteau, vocabulario.
[2] Torentica, documentos colligidos por Rodrigo Vicente d'Almeida.
[3] Ourivesaria profana. Joaquim de Vasconcellos.

Bombonière de crystal com applicações de filigrana de ouro e esmaltes — Caixa em vidro e prata cinzelada — Cesta de filigrana de ouro com esmaltes — Salva de prata em estylo Renascença

ha poucos annos tanto batalhou Carlos Malheiro Dias, e que, por vergonha nossa, não foi levada a cabo. Só estabelecendo em Lisboa e Porto cursos especiaes de ornamento e creando esse museu, com outro accessorial no Porto, para reunião de todos os elementos de valor, e isso exhibindo-os ou nos seus originaes, ou em copias, feitas na mesma materia do original, ou moldados em gesso e desenhados em varios aspectos, se poderá tornar viavel o movimento de arte que os nossos ourives e os cultores das outras industrias artisticas tentam levar a cabo com tão louvaveis esforços.

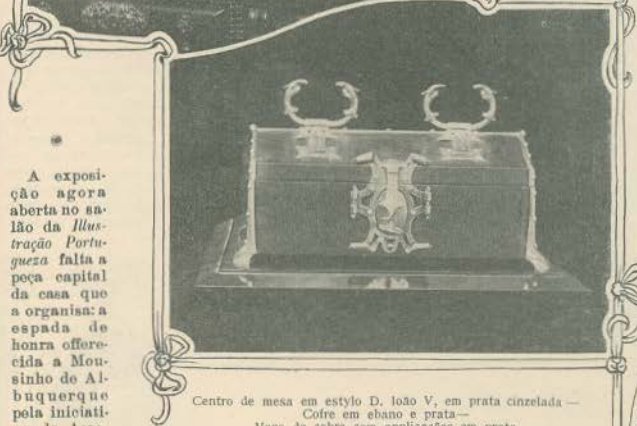
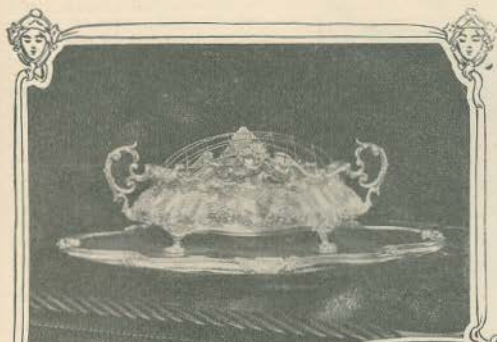
E já não será sem tempo. Excepção feita da tentativa brilhante devida a Augusto Gonçalves, em Coimbra, tentativa que o Estado deveria proteger, ajudando e promovendo a creação de instituições similares nos principaes centros industriaes do paiz, entraremos no movimento com mais de vinte annos de atrazo. A Inglaterra, que o iniciou com Ruskin e Browen, a que se seguiram depois Burneyones e Morris, creou o South-Kensington ha quasi meio seculo, e as nações que lhe seguiram o exemplo, como a França e a Austria, ha muito que possuem os seus museus e escolas de artes decorativas.

O conde de Laborde foi o primeiro a fazer em França a propaganda. A sua celebre phrase de que «les arts étaient desormais la plus puissante machine de l'industrie», foi, por assim dizer, a bandeira da «Union Centrale des beaux arts appliqués à l'industrie» fundada em 1864, e que, mais tarde, fusionada com a «Société de la musée des arts decoratifs», deu a «Union Centrale des arts decoratifs» ainda hoje existente e que se póde considerar como a organisadora do Museu das Artes Decorativas, actualmente installado junto do Louvre, no Pavilhão Marsan. A Austria divide o ensino da arte decorativa em duas cathegorias distinctas: ensino artistico e ensino technico. Ministrando o 1.º no «Museu de Arte e Industria» e na «Escola de artes e officios», e o 2.º nas escolas de bordados, rendas, tecelagem, etc. E a vantagem d'esta organisação affirmou-a este paiz na exposição de 1900, já nos objectos expostos, já na maneira da sua apresentação.

Sem isto, nada se fará. Os ourives e os outros cultores das artes applicadas acabarão por desanimar, e a educação do artifice que já se lhes deve, com as suas reconstrucções dos bons modelos antigos, de pouco servirá, porque o artista creador por quem esses artistas, assim preparados, esperam, não surgirá nunca. E, se surgisse, teria de luctar com possibilidade de talvez nunca vencer.

A utilisação da arte liga-a mais intimamente á vida. Por constantemente em contacto comnosco, a obra de arte applicada reveste para nós uma lição constante, cuja acção é tanto mais efficaz e energica quanto mais insensivel e lenta. Mas o artista d'essa natureza, por isso mesmo que realisa para todos, e não para raros apenas, concebendo e executando o objecto accessivel a ricos e pobres, não póde triumphar sem que o publico esteja já preparado e apto a comprehendel-o e recebel-o. E essa preparação exige uma educação geral para que todos os meios são necessarios, e um d'esses é certamente a organisação de um museu de artes decorativas em que, ao lado de exposições do genero d'esta que a direcção da *Illustração Portugueza* abriu a publico, haja outra permanente composta de modelos dos differentes paizes e epocas, preferidos, não pela sua raridade e valor excepcional, mas pela sua elegancia, execução racional e perfeita apropriação do material em fórma. Esses modelos dispostos racionalmente, constituindo successivos gabinetes de amadores, e não reunidos em grupos, representarão, sobretudo, uma lição de bom gosto. Lição essa indispensavel a todos, porque, na phrase de um critico celebre (1), em todas as artes, mas sobretudo nas decorativas, não só o artista e o critico d'arte, mas ainda o amador, «não devem ignorar o passado nem desprezar o presente».

---

[1] Arsène Alexandre. Histoire de l'Art Décorative.

Centro de mesa em estylo D. João V, em prata cinzelada — Cofre em ebano e prata — Vaso de cobre com applicações em prata

A exposição agora aberta no salão da *Illustração Portugueza* falta a peça capital da casa que a organisa: a espada de honra offerecida a Mousinho de Albuquerque pela iniciativa da Associação Commercial do Porto. Circumstancias especiaes, de todo o ponto respeitaveis, não permittiram, infelizmente, a exhibição d'esse trabalho verdadeiramente notavel. Delineado em estylo renascença, periodo quinhentista, pelo illustre esculptor Teixeira Lopes, este artista resolveu o problema por uma maneira felicissima. E os executores tiraram todo o partido que era possivel, *interpretando* a composição do grande estatuario com um sentimento que os transformou em seus collaboradores. Antonio Arroyo, n'uma interessante monographia que publicou sobre esse trabalho, cita, e com razão, ao lado de José Rosas, os nomes dos fundidores, gravadores e cinzeladores que com elle trabalharam. Todos são, realmente, dignos dos maiores louvores.

De entre os objectos expostos, não esquecendo algumas filigranas de uma absoluta logica e de um grande e gracioso encanto, nem a reproducção maravilhosamente rigorosa d'um collar e laço do seculo XVIII, cravado a «grampa», nem ainda os dois gomis, renascença e D. João V, o primeiro dos quaes prova, no feliz delineamento da sua aza, a influencia benefica da obra de Teixeira Lopes sobre a orientação artistica dos ourives seus collaboradores (1), destacaremos, entretanto, os dois vasos bojudos, em cobre martellado, guarnecidos com frisos de prata em estylo renascença. E isto, não pela importancia artistica d'esses vasos, pois outras peças mais valiosas ha na exposição, mas pela intenção n'elles revelada.

Como na architectura, em que todos os materiaes triumpham, presentemente, desde a pedra até ao ferro vil, aproveitados simultaneamente como elemento constructivo e decorativo, na ourivesaria, o ouro e a prata vêem o seu campo invadido por os mais diversos materiaes, empregados, não como geralmente até aqui, em razão do seu valor intrinseco, mas em razão do seu valor como elemento decorativo e constructivo.

Lalique, que foi, pode dizer-se, o creador do novo movimento na joalheria, tem tirado d'essas combinações os mais bellos effeitos, e a sua arte que, como a de todos os grandes creadores, só tem o defeito de ter servido para o apparecimento de toda uma infinita legião de detestaveis imitadores, é hoje a arte de um triumphador consagrado. Ha muito que o museu do Luxembourg e o das artes decorativas da França e de outros paizes lhe abriram as portas. Lalique, não foi, porém, o suggestionador do sr. José Rosas, e ainda bem porque a arte de Lalique, se não vae até ás ousadias da obra do seu seguidor René Foy, que quer a joia para exprimir mais do que ella permitte, perdendo-se consequentemente, por vezes, em excessos que a prejudicam, é entretanto uma arte para só ser seguida por artistas com elementos que o sr. Rosas,

(1) Esta asa ou pêga de gomil é inspirada das varetas que constituem a guarnição do punho da espada offerecida, no Porto, a Mousinho de Albuquerque.

Uma candeia e um candieiro de azeite, modelos em prata — Tinteiro em prata modelado por Teixeira Lopes — Vaso de cobre e prata

pelo menos por agora, não tem. Com as *patines*, de que o sr. Rosas mostra já ter um relativo conhecimento em algumas das pequenas joias que expõe, e os esmaltes translucidos, cuja reconstituição é uma das maravilhas do seculo que findou, Lalique evoca, nas suas joias, todo o encanto da vida mithologica ou actual, erguendo o nacar da carnação feminina entre as mais decorativas e estranhas estylisações. Nymphas brincam á beira de um lago de esmalte em que afloram lirios, e o ambiente, em que as folhas já amarellecidas das arvores caem placidamente como na evocação de uma ballada antiga, é cheio de sonho e mysterio. E esse quadro de côres diaphanas que lembra, no tom crepuscular, um Henner transplantado a vitral, é afinal o fecho—pendente d'um collar em cujo cadeado d'ouro se perdem as raizes das arvores d'essa floresta de lenda. Serpentes fabulosas, ou peixes demonios, em cujas orbitas desmesuradamente grandes brilha o sangue d'um rubi, enroscam-se em contorsões espasmodicas, e o aro em que se envolvem essas creações que, na sua delicadeza monstruosa, teem o quer que é da poderosa e requintada arte oriental, é o de um annel creado por esse admiravel artista. E, como essas creações, outras egualmente bellas e maravilhosas.

Mas, parallelamente a Lalique, alguns artistas ha mais accessiveis, cuja iniciação não offerece os perigos em que sossobram a maioria dos que vão na esteira da obra d'aquelle. Um é Theodore Lambert, cujos trabalhos se recommendam por uma absoluta sobriedade. Predominam n'elles os ornatos lineares, symetricos, geralmente monochromos, n'um tom avermelhado ou esverdeado, realçados por vezes unicamente pela nota discreta d'uma perola. Outro é Marcel Bing, que tem um delicado sentimento da fórma e do colorido, e cujas obras são executadas com uma grande e amorosa minucia.

A' moderna arte da joalheria ingleza pódem tambem os nossos joalheiros, conjunctamente com as proporções sobrias e rigorosamente architectonicas dos modelos, ir estudar o emprego racional e moderno da pedra que, como o metal, não é já empregada unicamente pelo seu valor monetario, mas pela belleza da sua fórma e côr. O diamante que, em Portugal, teve o seu periodo aureo no seculo XVIII, quando do Brazil nos vinham em tão grande quantidade que eramos os seus fornecedores para toda a Europa (1), visinha agora na moderna joalheria ingleza com pedras vulgares e de pouco custo. E, tanto essas como as pedras preciosas são apresentadas de todas as maneiras, facetadas como o diamante, bizeladas, cortadas a direito na fórma do chamado *diamant de table*, ou polidas na sua fórma natural, em *cabochon*, o que dá ás peças em cuja

(1) Estudos Historicos e Archeologicos, de Vilhena Barbosa, pag. 277 (1.º vol.)

composição entram uma riqueza barbara, que lembra em muito a ourivesaria bysantina.

E a preoccupação do emprego e utilisação d'este elelemento é tal que, ultimamente, se tem descoberto para esse fim, especialidades de pedras que, até aqui, eram quasi desconhecidas, e que, não podendo classificar-se de verdadeiramente preciosas, são comtudo, na sua maioria, bastante raras. N'estas condições, e entre as mais empregadas, lembraremos as opalas mexicanas, ou de fogo, cuja irradescencia é maravilhosa, o lapis-lazzuli, a malachite, a azurite, a marmore de Cornnemara, a amazonite, a chrysoprase e a lumachella hungara, esta ultima constituida por uma serie de cascas fosseis envolvidas por uma concha mãe, de côr preta. As cascas de uma admiravel irradiação, zebadas, em geral, de côres vivas, teem qualidades ornamentaes de tal ordem que são rarissimas apezar das difficuldades que ha em as obter e trabalhar. Mas, mais ainda do que todas estas, é usada a perola irregular, ou barocco, aproveitada na sua fórma, por vezes extravagantemente singular, como ornamento e remate de joias do mais requintado gosto. D'uma grande barateza, tem-se abusado d'esse elemento decorativo, limitando-se, dia a dia, mais o emprego da perola regular em razão da sua crescente carestia.

Gumil em prata cinzelada pertencente a S. M. a Rainha

Assim a joalheria ingleza que, ainda hontem, póde dizer-se tentava, como a nossa, os seus primeiros vôos na reconstituição dos velhos moldes, quasi completamente esquecidos, já hoje, desde essas primeiras tentativas, em que logo surgiu um grande artista, Ashbee, tem percorrido um longo e glorioso caminho. A obra dos seus artistas e a sua influencia, em que se firmam os que vêem os perigos a que pódem conduzir os excessos de alguns cultores da chamada arte nova, ahi estão a attestal-o.

E' este um exemplo que podia aproveitar-nos. Assim nós todos, governantes e governados, o soubessemos comprehender e seguir.

José de Figueiredo

As musas italiana, portugueza, franceza, hespanholas e brazileira na festa do felibrigio latino, realisada, em Paris, na sala Hoche

Mademoiselle Odette Xavier de Carvalho, vestida de lavradeira do Minho

Mademoiselle Odette Xavier de Carvalho e a marqueza De Mauriaux de Bertignat, vice-presidente do «Souvenir Normand», que offerece a taça da aristocracia normanda aos soberanos de Portugal

O PRIMEIRO CONCERTO SYMPHONICO DA GRANDE ORCHESTRA PORTUGUEZA

Ha 25 annos, tres grandes nomes, extrangeiros todos, assombraram Lisboa com a regencia magistral da sua batuta encantada:—foram Barbieri, Colonne e Rodoff. Todos se soccorreram de musicos exclusivamente, genuinamente portuguezes. Muitos d'elles desappareceram na morte. E citam-se, ainda hoje, os nomes de alguns com saudade e com respeito. Foi o insigne contrabassista José Narciso da Cunha e Silva, pae de João E. da Cunha e Silva, hoje professor do nosso Conservatorio, contrabassista eminente, que sustenta com todo o brilho essa herança de tanta responsabilidade; foi esse bohemio Sergio, cujo perfil magoado Fialho d'Almeida nos traça luminosamente n'um volume dos *Gatos* e que acabou os seus tristes dias a arrancar gritos de paixão entre a fadistagem da Mouraria; foi o Croner do oboé e o Croner da flauta; foi o Campos do clarinete; foi o Neuparth, inimitavel no fagote...

Depois d'essa radiosa primavera de musica, vieram a Lisboa a orchestra Lamoureux e a orchestra Chévillard; mas eram todos musicos extrangeiros, grandes summidades alguns, mestres entre os mestres, é certo. Orchestra portugueza, authentica, toda nossa, nunca mais. Mas isto é terra forte e fecunda onde a musica tem raizes fundas e remotas. Theophilo Braga cita, n'uma das suas obras, os instrumentos musicos populares mais usados em Portugal: — a *charamella*, usada pelo gentio do campo, feita de canna ou de páo, é a doçaina do tempo de D. João II, a *tibia* dos antigos, tal como Horacio a descreve; a *flauta de pau*, mais conhecida entre nós pelo nome de *gaita de capador*, porque é pelo toque d'este instrumento primitivo que os cortadores se dão a conhecer pelas aldeias, é tambem nas cidades usada pelos amoladores de tesouras e navalhas; a *gaita de folles*, conhecida em toda a peninsula hispanica pelo nome de *gaita gallega*, por se ter tornado o instrumento nacional na Galliza; é moda ainda em todos os arraiaes de devoção das nossas aldeias a *guitarra* e a *viola*; os *caraquinhos*, que apparecem em algumas philarmonicas campezinas; a *viola de arco*, nome que nos seculos XV e XVI se dava á rabeca; o *zabumba* das romarias do Minho; os *ferrinhos*, instrumento commum á região do norte de Portugal; a *sanfona*, hoje o instrumento predilecto dos cegos.

O sr. Miguel Angelo Lambertini, o director e organisador da Grande Orchestra Portugueza

O gosto do povo portuguez pela musica foi sempre muito pronunciado. Já em 1582, Philippe de Carverel, no seu livro *Ambassade en Espagne et en Portugal*, o apontava e commentava por estas phrases: «Este povo deleita-se muito com os instrumentos musicos e a musica, a ponto de prestar a maior attenção ao ruido de não sei que instrumentos toscos e esfregando os dedos uns nos outros...»

Hoje, esta predilecção tem requintes. Já não é a ingenua e melancolica flauta de canna que nos enleva, nem a gaita de folles nos faz sair de casa para a ouvir tocar n'um salão. Temos o paladar mais afinado, acostumados como estamos a ouvir musica,—e da melhor. Mas todas as tentativas para reviver os grandes agrupamentos de musicos portuguezes, sob a regencia de um mestre entendido, fracassaram até estes ultimos tempos. Foi o sr. Michel Angelo Lambertini quem operou esse milagre, com a mira n'um fim altruista e humanitario, — a creação de uma caixa de auxilio para musicos pobres. Reuniu 80 figuras; e foi esse escolhido nucleo de artistas e amadores que nós ouvimos com delicia e com orgulho, em um dos ultimos domingos, no salão da Trindade.

Todos os jornaes diarios de Lisboa se referiram a esse acontecimento artistico, que teve uma consagração espontanea e cheia de enthusiasmo. Os proprios criticos confessam que aquillo «ia muito além de uma tentativa» e que a «sala estava a regorgitar de ouvintes, apezar de estar um dia creador.»

É o maior elogio que se possa fazer. Tivemos no programma essa luminosa e completa trindade: Wagner, na *ouverture* dos *Mestres Cantores*; Beethoven, na *Primeira symphonia*, e Grieg, na *Suite*. Isto é, desde o alto classicismo representado por Beethoven até ao norueguez Grieg, ainda não saturado das transcendencias classicas,—brilhante, cheio de uma alegria tão viva, elle que não nasceu no paiz do sol, do azul, do amor e do sonho!

A *grande orchestra portugueza* está creada. Não a deixemos nós esmorecer tirando-lhe o incentivo que tão necessario é a estes emprehendimentos realisados em puro amor da Arte—a concorrencia ás suas festas, que teem um intuito tão sympathico de philantropia.

UM ENSAIO DA GRANDE ORCHESTRA PORTUGUEZA NO SALÃO DA TRINDADE

OS EXECUTANTES DA GRANDE ORCHESTRA PORTUGUEZA

JOÃO ANTONIO DA SILVA *(Contrabaixo)* — JOSÉ G. DE MAGALHÃES *(Violino)* — PEDRO ANTONIO DE BARROS *(Violino)* — ANTONIO JOSÉ DA ROCHA *(Trombone)* — JOSÉ JOAQUIM NICOLAU JUNIOR *(Contrabaixo)*

RICARDO MOURÃO *(Triangulo)* — JOÃO MANUEL GONÇALVES *(Fagote)* — JOAQUIM BORGES *(Violoncello)* — ANTONIO SEVERINO CRESEWEL *(Timbales)* — D. JULIAN SANZ *(Violino)*

MARIO PEREIRA *(Contrabaixo)* — LUIZ JOSÉ DA CRUZ *(Violino)* — JOSÉ HENRIQUE DOS SANTOS *(Flauta)* — ALVARO MACEDO E SANTOS *(Violoncello)* — JOÃO EVANGELISTA NEUMAYER *(Violino)*

FERREIRA BRAGA *(Contrabaixo)* — MIGUEL J. DA SILVA *(Bombo)* — CARLOS ROBERT *(Violoncello)* — JOSÉ PEDREIRA *(Violino)* — JOÃO CARLOS DA COSTA *(Violeta)*

HENRIQUE SAUVINET (*Violino*)
JOÃO PEREIRA DA NEIVA (*Clarinete*)
JOAQUIM FERREIRA DA SILVA (*Violino*)
CARLOS ESTEVAM DE SÁ (*Violino*)
JOSÉ DE OLIVEIRA FERREIRA (*Violino*)

ANTONIO F. D'ALBUQUERQUE (*Fagote*)
JOSÉ DA COSTA CARNEIRO (*Violino*)
THEOPHILO SAGUER (*Trompa*)
A TONIO JOYCE (*Violino*)
PEDRO BLANCH (*Violino*)

J. J. SERRA (*Clarim*)
FRANCISCO BENETÓ (*Violino*)
SEVERO DA SILVA (*Clarinete*)
LUIZ BARBOSA (*Violino*)
VICTOR DA CUNHA E SILVA (*Contrabaixo*)

RODRIGO FERNANDES (*Caixa*)
JOAQUIM PEDRO DOS SANTOS (*Trombone baixo*)
JOSÉ E. D'ARAUJO (*Violeta*)
WENCESLAU PINTO (*Oboé*)
JOSÉ AUGUSTO BARRADAS (*Pratos*)

EMILIO SALGADO (*Trompa*)

LUIZ GÁLLEGO (*Violino*)

AUGUSTO MORAES PALMEIRO (*Violoncello*)

A. MENEZES CABRAL (*Fagote*)

JOÃO E. DA CUNHA E SILVA (*Contrabaixo*)

LUIZ MONTEIRO (*Violeta*)

RAPHAEL FUERTES (*Violoncello*)

ANTHERO P. NOGUEIRA (*Tuba*)

ANTONIO DA FONSECA (*Oboé*)

EDUARDO NICOLAI (*Violeta*)

ANTONIO CRUZ (*Flautim*)

PAULINO A. DA GRAÇA (*Trompa*)

JOAQUIM FILIPPE DA SILVA (*Contrabaixo*)

JOSÉ JOAQUIM DA SILVA (*Violino*)

CECIL MACKEE (*Violino*)

SEVERO FORTES (*Trompa*

MANOEL TAVARES (*Violeta*)

CARLOS SAMPAIO (*Violino*)

EDUARDO PAVIA DE MAGALHÃES

JULIO TABORDA (*Flauta*)

AMILCAR MACEDO E SANTOS (*Contrabaixo*)

MANOEL SILVA (*Violoncello*)

GUILHERME DAMA-SO PINTO (*Violino*)

ANTONIO SILVA (*Violino*)

CESAR FRANÇA (*Violoncello*)

JOSÉ INNOCENCIO PEREIRA (*Oboé*)

ANTONIO LAMAS (*Violeta*)

JOSÉ AUGUSTO LOPES (*Violino*)

ARTHUR DUARTE (*Violeta*)

JOÃO C. DE OLI-VEIRA PASSOS (*Violoncello*)

EUGENIA CRESPO (*Violino*)

HILDA KING (*Harpista*)

ALICE SILVA (*Violino*)

D. PHILOMENA RO-CHA (*Violino*)

CAMILLA AVILA (*Violoncello*)

ANTONIO PEDRO DA COSTA (*Clarim*)

AMARO JOSÉ MEN-GUICHAS (*Clarim*)

JOAQUIM JOSÉ GINGA (*Trombone*)

D. LUIZ DA CUNHA MENEZES (*Violoncello*)

JOSÉ BONETT (*Harpa*)

OS QUADROS DE SEQUEIRA NO BOM JESUS DO MONTE

I — O VOTO DE PEDRO JOSÉ DA SILVA

Por 1808 adiantada era já a fabrica do templo do Bom-Jesus de Braga, que substituia o que o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles erguera.

A bolsa mais farta, que infatigavelmente se abria para o custeio da fervorosa construcção, era a do bracharense Pedro José da Silva, opulento negociante da praça de Lisboa.

Rico de bens, feliz na sua vida commercial, por um radicado sentimento religioso que tudo faz depender da omnipotencia divina, não acreditava, decerto, no exito da sua sagacidade emprehendedora e na segurança do seu tino administrativo sem a intervenção da vontade celeste que se manifestava grata ante a devoção fanatica e ardente que elle tributava ao Bom-Jesus. E, assim, na proporção das bençãos propicias que ineffavelmente desciam do alto, não faltavam as dadivas a este fetiche, a cuja sombra benefica se acolhera e a quem do coração se ligára.

Simultaneamente, pois, os seus negocios e o crescimento do edificio religioso caminhavam parelhas na tranquilla e dôce corrente da Sorte.

Ora, no anno acima alludido, levantava ferro o seu navio *Santa Cruz* para mercadejar no Oriente. A carga que encerrava ou viria a encerrar era a mais valiosa e avultada que em seus dias lançava á incerteza da onda. Pedro José da Silva então recommendou-o e confiou-o ao patrocinio do Bom-Jesus do Monte. (A tradição, aqui, pede licença para accrescentar, esclarecendo, que o piedoso mercante lhe prometteu metade nos lucros). A embarcação seguiu o seu rumo e regressou, ao que parece, com exito, pois, no anno immediato, Domingos Sequeira perpetuava na tela o faustoso voto.

O favorecido, com effeito, não se eximiu a dar um publico testemunho do supposto prodigio e o insigne artista, que possuia a amizade poderosa do ricaço devoto, foi quem o expressou e por uma singular e curiosa maneira.

O celebre pintor subordinou a composição á formula do ex-voto popular: o minucioso relato figurado com a legenda inferior. E, na verdade, o depoimento iconographicamente interpretativo do facto está completo.

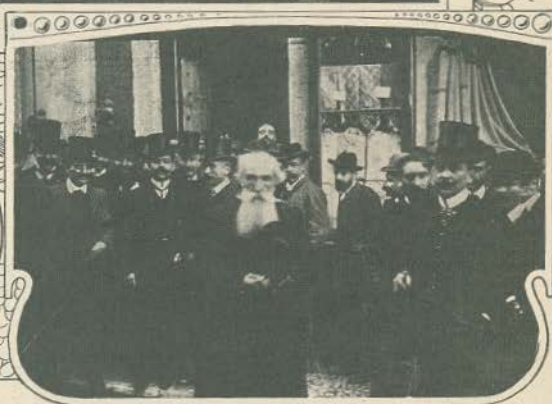
No cabeço patibular o Christo proeminente sobre a cruz, com a cabeça pendida pela morte, a carne exanime, esmaecida e livida; á roda do madeiro dois vultos judaicos, attonitos, duas frontes de legionarios assombrados, João Evangelista, o *soi disant* discipulo amado, e as duas mulheres por quem porventura palpitou apaixonadamente o coração do homem do condemnado.

Em baixo, supplice, o crente e venturoso commerciante indicando, com a dextra, o navio recommendado que se faz ao largo e segurando, com a mão esquerda, o livro em cujas paginas abertas se leem, n'uma, diversos psalmos e proverbios biblicos, n'outra, a seguinte inscripção votiva:

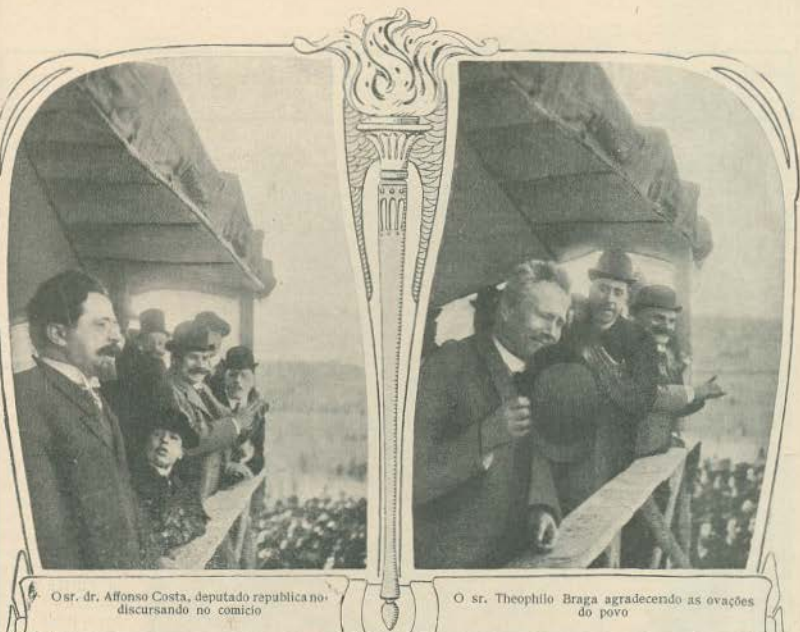
Ao Bom Jesus do
Monte Renova seus
votos Pedro José
da Silva, na ocazião
de fazer viagem
para Bemgala
Azia o seu Navio
denominado
Santa Cruz
Anno de 1808
Domingos Antonio
de Sequeira inv.
e Pict anno 1809

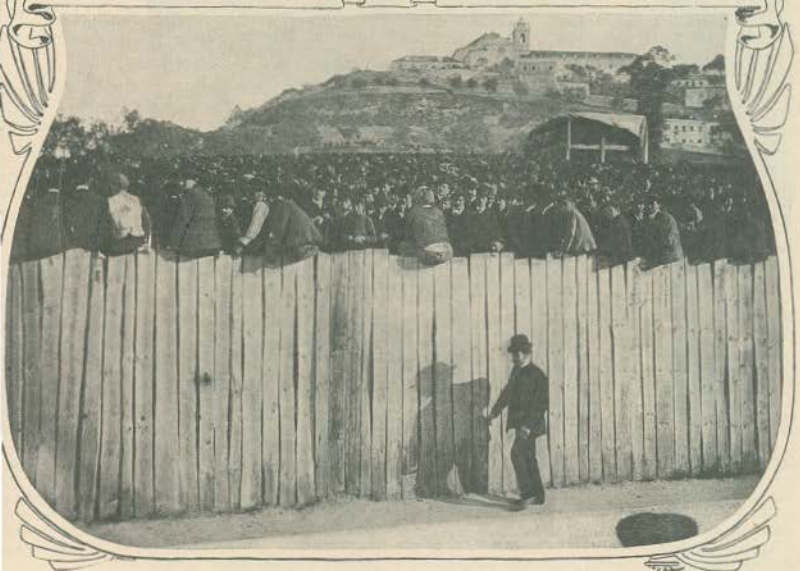
O quadro é um documento scintillante da capacidade artistica do auctor. Não é, porém, isento de defeitos e o mais destoante logo se apercebe na figura principal; mas a cabeça de Pedro José da Silva é tão solidamente modelada, d'uma tão correcta e firme expressão de linhas, d'uma tão sincera e flagrante realidade, que domina e absolve a *gaucherie* em que assenta.

Com este magnifico ex voto a grande Arte desceu a enfileirar, n'uma camaradagem de crenças, com as tacanhas concepções populares que perpetuam atravez dos seculos o eterno giro da illusão, pois já o romano pendurava nos templos as *tabulae votivae*, á semelhança do helleno e do egypcio, que n'uma epoca mais distante e nebulosa, patenteavam, por identica forma, ás divindades, o reconhecimento das mercês infinitas.

MANUEL MONTEIRO.

A ENTREGA DAS REPRESENTAÇÕES DOS JORNALISTAS DE LISBOA E PORTO Á CAMARA DOS DEPUTADOS NO DIA 18 DE DEZEMBRO

A grande commissão da imprensa dirigindo-se ao parlamento *(Cliché Novaes)*— O sr. Bulhão Pato agradecendo as manifestações dos jornalistas— O sr. Bulhão Pato, accompanhado pelo sr. deputado Moreira d'Almeida, director d'*O Dia*, e e pelo seu sobrinho sr. Nuno Bulhão Pato, redactor d'*O Seculo*, indo ao encontro da grande commissão da imprensa — O sr. conselheiro João Arroyo cumprimentando o sr. Bulhão Pato no atrio de S. Bento

(Clichés Benoliel)

O sr. dr. Affonso Costa, deputado republicano discursando no comicio

O sr. Theophilo Braga agradecendo as ovações do povo

Aspecto em conjuncto do comicio

O COMICIO REPUBLICANO REALISADO EM LISBOA, N'UNS TERRENOS DA AVENIDA D. AMELIA, EM 16 DE DEZEMBRO

(*Clichés de Benoliel*)

UMA CATASTROPHE FERRO-VIARIA

O DESCARRILAMENTO DO COMBOIO DO SUL NA TARDE DE 16 DE DEZEMBRO

Por um engano de agulha, o comboio que sahe ás 5 horas e 34 minutos da tarde do Barreiro para Villa Real de Santo Antonio, e que era constituido por duas carruagens de 3.ª classe, duas de 2.ª, uma de 1.ª, vagon restaurante e salão, em logar de encaminhar-se pela linha directa entrou na chamada linha de «sacco» ou de reserva, vindo a pesada locomotiva esbarrar no caes a toda a velocidade, entrechocando-se os vagons, cujos tejadilhos voaram em estilhaços. A machina ficára com a parte dianteira completamente esmigalhada e o comboio reduzido a um montão de destroços. O clamor dos passageiros aterrados e os lancinantes gritos dos feridos davam ao desastre as tragicas apparencias de uma catastrophe.

No comboio seguiam vinte passageiros. É facil de calcular o terror que de todos se apoderou. O pessoal, que se encontrava na estação, correra immediatamente para o local do desastre e, passados os primeiros momentos de panico, auxiliado por alguns passageiros e empregados que seguiam no comboio, tratara de prestar os primeiros soccorros. Tudo parecia indicar que sob aquelles escombros havia numerosas victimas. A locomotiva, que subira á plataforma, onde derrubou a *marquise* de zinco e ferro, levava uma velocidade de 59 kilometros á hora quando, subitamente, lhe haviam faltado os *rails* debaixo das rodas. Entretanto, com excepção de tres passageiros da 3.ª classe e do guarda-freio, mais ou menos gravemente feridos, não havia a lamentar quaesquer victimas. Os proprios machinista e fogueiro, arremessados a grande distancia, apresentavam apenas leves contusões. Inexplicavelmente de toda aquella amalgama de ferro e madeira, a fragilidade humana sahira incolume.

É esta scena dramatica, illuminada ao clarão vermelho dos archotes, que Jorge Colaço, chegado occasionalmente á estação da Moita n'um comboio descendente, momentos depois do desastre, soube tão impressivamente reproduzir no *croquis* magnifico com que gentilmente brindou a *Illustração Portugueza*.

Sala das extracções da loteria na Santa Casa da Misericordia

A roda da Fortuna ❦ O duque de Lafões e as loterias ❦ A febre das loterias nos fins do seculo XVIII ❦ Como a loteria persiste e se fixa nos fins do seculo XIX ❦ A roda dos enjeitados e a roda das loterias ❦ Como se faz, e se vende o bilhete ❦ Vendas e revendedores ❦ O cautelleiro e João de Deus ❦ Pregões e typos populares ❦ Os que se habilitam ❦ Os palpites ❦ O dia da extracção ❦ Como era em 1783 e como é hoje ❦ As rodas ❦ Os alviçareiros ❦ Jogadores felizes ❦ A loteria grande do Natal ❦ Os contemplados com a sorte grande nos ultimos dez annos ❦ A lista geral ❦ Os que recebem o premio e os premios que ninguem vae receber ❦ Os que lucram com as loterias

A Fortuna! Deusa vaporosa e inconstante, que adeja no fundo nebuloso de todo o ideal da humanidade, e a quem, como diz La Fontaine, na adoravel simplicidade das suas fabulas, attribuimos sempre o bem e o mal que nos succede! É a deusa favorita dos jogadores, arbitro dos seus destinos, adorada por aquelles a quem a sorte acaricia, e amaldiçoada por quantos invencivel *macaca* desapiedadamente persegue!

Acalenta e apaixona a maioria dos espiritos, sempre avidos de mysteriosas phantasias, de sonhados ideaes e de risonhas miragens, esta tentadora aventura da *sorte*, como outr'ora a seducção das *sinas*, dos horóscopos e dos prognosticos.

A *loteria* tornou-se a instituição official do jogo licito, que a moral publica consente, e que, sob o patrocinio de applicação caritativa, vive e prospera nos paizes cultos de todo o mundo.

2.ª LOTERIA EXTRAORD.ª — ANNO DE 1856 — N.º

TERCEIRO TRIMESTRE DO ANNO DE 1857 — Primeira Extracção — N.º — CINCO MIL REIS

1 — Um bilhete da loteria da Misericordia em 1838. 2 — Um bilhete da mesma loteria em 1857. 3 — Um bilhete da mesma loteria em 1856

Curiosa coincidencia! O jogo, condemnado por alvarás regios desde remotos tempos, veiu a ser sob a fórma de *loteria* officialmente estabelecido, em estreita e singular alliança, debaixo dos mesmos tectos com a roda dos enjeitados. Junto d'esta *roda* que Pina Manique, por um erroneo principio de caridade impulsiva, abrira para obviar aos infanticidios crueis, estabelecia-se pouco depois a roda das loterias, creadas em 1783, sob a tutelar protecção do illustre duque de Lafões.

Se d'elle não partiu a idéa, o pedido da confraria da Misericordia para a concessão das loterias teve no intelligente e estudioso fundador da Academia Real das Sciencias o mais incondicional apoio.

O decreto de 18 de novembro de 1783 determinava como ellas deveriam realisar-se em beneficio dos hospitaes, dos enjeitados e da nascente Academia, alimentando assim, com os lucros do jogo consentido, a Caridade e a Sciencia.

Os academicos agradeceram sollicitos ao ministro, que era o visconde de Villa Nova da Cerveira, successor de Pombal e amigo intimo do duque de Lafões, o beneficio de que viveu a instituição benemerita até 1799, e ao duque enviaram uma deputação a tributar o seu reconhecimento, desfechando n'este acto o marquez de Penalva, sobre o fidalgo academico, um soneto gratulatorio.

A loteria concedida era a principio uma só annual; abusou-se porém logo da idéa. Os governos, vendo-a lucrativa, lançaram-se no campo novo da jogatina, estabelecendo por este systema commodo de tributação subvenções a estabelecimentos e a despezas mui diversas.

Fizeram-se e projectaram-se loterias e rifas de applicações varias e de variados premios. Umas vezes eram os lucros da loteria da Santa Casa repartidos para a Casa Pia, para as recolhidas do Rego, para a vaccinação do reino, de que a Academia iniciára louvaveis experiencias; outras vezes faziam-se as loterias reaes, as privativas da Casa Pia, ou as destinadas a custear as obras dos theatros de S. Carlos, da Rua dos Condes e de S. João do Porto, e a mil outras applicações. Os premios eram em dinheiro, em herdades e lezirias do Estado, ou em titulos e pensões

vitalicias, em predios, em livros, etc.

D'esta febre de jogo publico, que as Misericordias de Lisboa, Porto e Rio acobertavam com a sua respeitabilidade, a loteria, que a principio era uma só annual, passou a trimestral, depois a trimensal, e, a despeito das crises temporarias, chegou a attingir o giro espantoso de mais de 2:500 contos de réis por anno n'uma rotação constante de extracções semanaes.

LOTERIA DE LISBOA

Bilhete da loteria da Misericordia em 1784

Ao passo que um provedor energico, o marquez de Rio Maior, extinguia a vergonhosa instituição da roda dos enjeitados, a toda a hora do dia e da noite aberta, para, a cada campainhada, que retinia violenta, receber o fructo do crime que paes deshumanos lançavam á voragem de inviolavel segredo, a outra roda — a das loterias sorvedouro insaciavel, sustentado pelo peculio da miseria e pela ambição dos jogadores, — persistia e prosperava!

Na revista do anno de 1871, Baptista Machado registava o facto, dizendo: — «Fechou-se a roda da Misericordia e ficou a roda da loteria!»

Lancemos uma rapida vista de olhos sobre as variadas

LOTERIA DA ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS

PARA AS DESPESAS DA VACCINAÇÃO NA CORTE E REINO.

O Thesoureiro — O Secretario Interino

LISBOA: NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA: 1815.

Bilhete da loteria da Academia Real das Sciencias para as despezas da vaccinação na Côrte e Reino (1815)

operações e serviços cujo conjuncto constitue a Loteria da Santa Casa.

Nas officinas typographicas, montadas em 1892 na calçada da Gloria, imprimem-se os bilhetes, segundo o plano superiormente approvado.

No seculo XVIII as primeiras loterias tinham 22:500 bilhetes, a 6$400 réis cada um, com direito a 7:833 premios, sendo o maior de 12:000$000 réis, os immediatos de 4:800$000 e 1:600$000 e o minimo de 8$000 réis.

Estes bilhetes eram indivisos, de formato pequeno, impressos com chapa de cobre, gravada a buril; em 1862 dividiram-os em quartos, para facilitar a venda, depois em quintos, em nonos, quando eram do preço total de uma libra, e por fim em decimos e em vigesimos.

A impressão e a revisão ou conferencia dos bilhetes, antes de se expôrem ao publico, são operações que requerem a mais cuidadosa e severa fiscalisação. Remettidos por fim á thesouraria abre-se a *venda*, que tem sido sempre e ainda hoje é bastantes vezes um espectaculo curioso. Surge-nos aqui o numeroso elemento dos revendedores e dos seus emissarios, — os cambistas e os cautelleiros.

Desde o dinheiroso cambista e do capellista *habilitado*, até ao vendedor ambulante, a anciedade de açambarcar o maior numero de bilhetes os obriga a todos a alliciar gente, em geral das mais baixas camadas sociaes, rapazes, mulheres, vadios, aleijados e mendigos, para fazer numero e concorrencia, disputando em tropel, em desencontrados apertões, a sua vez de entrar na sala onde se effectua a venda suspirada dos bilhetes.

Foi sempre tormentosa esta operação, tempo houve em que de vespera ia a turba de maltrapilhos tomar logar no largo de S. Roque, que ostentava o aspecto pittoresco de uma feira ou arraial, onde figurava o vendedor ambulante obrigatorio em taes ajuntamentos. Os vendedores formavam *bicha* pelo largo, até á *palmatoria*. Abriam-se as portas de madrugada, com interferencia de forças militares, muitas vezes impotentes para conter a turbulenta populaça. Os cambistas incitavam os seus mandatarios, e lançavam-lhes para as janellas do primeiro andar o dinheiro que julgavam preciso para as compras que iam ordenando. Tumultuosa bolsa de loterias, em que não raro havia entalões, esmagamentos, pessoas feridas e contusas.

Adquirido o bilhete, o cambista, para facilitar ainda a venda até ás classes menos abastadas, tentando assim o pobre com os sonhos dourados da *sorte*, *abre-o* em *cautellas*. Quantas casas teem obtido n'este negocio popular renome e mais ou menos avultadas fortunas!

É lembrado ainda o celebre cambista o *Pão quente*, de nome Manuel Luiz, que em tempo começára a vida vendendo pães quentes n'uma minuscula taberna da rua do Amparo. Estabeleceu-se depois no Rocio, onde estão hoje a chapelaria Santos e a tabacaria Monaco, e ali creou fama como um dos primeiros cambistas da cidade. Cantavam os cauteleiros, para dar venda ás suas cautellas (diz-nos Tinop, desenhando varias figuras de outros tempos), o estribilho, que em vozes roufenhas se ouvia até altas horas pela cidade:

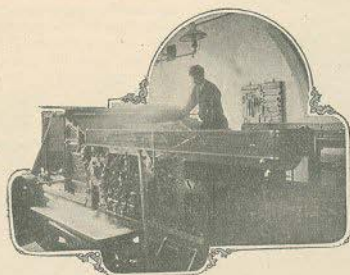
> Quem as quer do Pão quente
> Que faz feliz muita gente.

Succedeu-lhe na mesma loja o Andrade, casado com uma filha do Manuel Luiz, e houve a seguir o Peres da rua do Arsenal, onde começou por empregado o depois celebre Antonio Ignacio da Fonseca, e modernamente as conhecidas casas do Campião, do Silva, do Testa e tantas outras.

A cautella, revista e authenticada pela officina do *Carimbo*, na Santa Casa, espalha-se pela cidade, pelas estradas, pelas feiras, pelos campos, pelos cafés e pelas tabernas. Nada menos de 240:000 cautellas de differentes preços, em cada loteria ordinaria semanal de 12 contos de réis de premio maior, 280:000 cautelas nas de 25 contos, 600:000

EXTRACÇÃO DO

ANNO DE 1842

Bilhete da loteria da Misericordia em 1842

Officina typographica da loteria

na do Santo Antonio e 1.400:000 na loteria grande do Natal, passam pela chancella e verificação da Casa do Carimbo, da Misericordia, e se vendem depois pelo paiz!

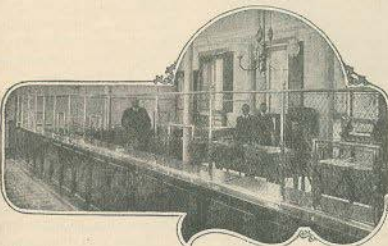
São realmente espantosos estes numeros!

Milhares de miseraveis, alguns da infima ralé das cidades, em cuja *Côrte dos milagres* se acham alistados, perseguem o alfacinha indolente, avésso a diligencias fadigosas em que procure melhorar as suas condições financeiras, mas sempre prompto a confiar na *sorte* que a roda da fortuna lhe ha de preparar.

João de Deus estigmatisou o vicio, que alimenta o ocio e quebranta o amor pelo trabalho, nos versos a que deu por titulo — *Loteria*:

> Por ambição ou mania
> (Se antes não foi maleficio,
> Nigromancia ou bruxaria!
> Contraio o maldito vicio
> De jogar na loteria:
> E eu que d'antes nem sahia,
> Fiado em que me devia
> Raiar um dia propicio,
> Desde então (quem tal diria?)
> Acho a casa uma enxovia,
> Acho o trabalho um supplicio,
> Etc....

A toda a hora do dia e da noite o cautelleiro apregôa, insistente, os numeros. Importunado o mesmo poeta pela gritaria infernal do cautelleiro, que a deshoras, com desesperado e monotono pregão o provocava, escreveu a acerada satyra a que pôz por titulo — *9:342*:

> Desde pela manhã até depois,
> Já depois do sol posto, este carneiro

Thesouraria da Misericordia, onde se vendem os bilhetes e se pagam os premios da loteria

> A berrar dez mil vezes, trinta mil,
> *Nove trezentos quarenta e dois!...*
> Maldito cautelleiro!
>
> Oh Policia... incivil
> E vós outros tambem, quem quer que sois,
> A quem toca a policia da cidade!
> Falo-vos a verdade:
> Declaro-vos que um dia...
> Á falta de revólver, vae tinteiro!

Por fim, tentado com o illusorio e eterno thema da bondade do numero, do perigo de o rejeitar para outro afortunado que ha de vir, o alfacinha, sempre esperançado nos doces ideaes da risonha sorte, alcançada sem trabalho, compra, compra e... quasi sempre perde.

Era pelo menos o que succedia ao bom do José Daniel — que na sua *Voz da Fortuna*, em 1824, em rima nol-o dizia:

> Eu se vou ás loterias,
> Que tem feito gente rica,
> Ou só tiro quanto dento,
> Ou tudo por lá me fica.

Officina do carimbo das cautellas

O vendedor de cautellas constitue uma das mais ricas, das mais originaes collecções de typos populares da cidade, desde o famoso *Uma joia*, que andava de ferragoulo ou gabinardo de panno de varas castanho, barrete preto e pés descalços (como nol-o pinta o sempre noticioso Tinop), singularisando-se pelo pregão — *Queem quer uma joia! Quem quer uma joia!* — até ao não menos popular Estanislau, immortalisado por Bordallo, e que, filho da roda da Misericordia, só na loteria achou o ganha-pão e a gloria de triste popularidade, cantando pelas ruas, com sua voz nasalada e monotona — *Ámanhã é que anda a roda! Ámanhã é que anda a roda!*

Não ha muitos annos ainda outro pregão pittoresco resoava pelas ruas de Lisboa, alegremente entoado pelo cautelleiro, que assim se tornou conhecido. Cantava elle:

> Oh meninas d'esta rua
> Cheguem todas á janella!
> Se quizerem ser felizes
> É comprar-me esta cautella!

Nas ruas e nos largos, principalmente em S. Roque, e em frente das casas dos cambistas, nos dias de andar a roda, aturde-nos a gritaria desenfreada dos vendedores: — *É a ultima de seis, quem me acaba o resto, hoje é que anda a roda!*

Aqui e além improvisam-se vendas mais ou menos pittorescas, a uma esquina, em um recanto qualquer.

Vae para mais de 30 annos que um vendedor, aleijado, estabeleceu banca, com mostrador de cautellas, no recanto do cunhal da egreja de S. Roque. Envelheceu e morreu o aleijado, substituiu-o a sua viuva, uma paralytica, tambem já fallecida, e á filha recebeu em herança o minusculo estabelecimento, ao ar livre, que em vesperas de extracção ali se conservava a noite inteira vendendo aos transeuntes tresnoutados.

Grupo de empregados da Santa Casa, incumbidos dos serviços superiores da loteria

Quantos typos curiosos de cautelleiros poderiamos apontar — o do burrinho coberto de cautellas, como mostrador ambulante, o do casaco, egualmente recamado de vigesimos e cautellas, o preto que dá a sorte, os cegos, o aleijado da cadeira de rodas, que vende no Rocio, o Arte Nova e tantos outros, cuja relação se tornaria interminavel.

Chega finalmente o dia suspirado. Todos os compradores sorriem, por se acharem *habilitados* a que a sorte benefica os contemple. Todos vêem e remiram os seus numeros, numeros felizes por certo, e deitam calculos ao futuro, engenhando na mente phantasiosa mil sonhos dourados de gosos, de delicias. E é só n'este periodo de esperanças, que embalam o espirito, que o jogador tem as mais das vezes o supremo goso de nunca realizados ideaes!

Quem quer a sorte!

Uns compram ao acaso, irresolutos ou descrentes; outros obedecem cegamente aos *palpites*, fiam-se em numeros que sonharam, entregam-se confiadamente a uma inspiração, como videntes, levados pelo impulso inexplicavel do destino. Uns odeiam os numeros *furados*, isto é, em que veem zeros intercalados nos outros algarismos; alguns apreciam muito o numero rejeitado por outro comprador; este quer numero de tres algarismos, aquelle procura evitar certas e determinadas numerações.

E' vulgar ouvir-se, da bocca do cautelleiro, como apperitivo ao palpite do comprador, esta nota curiosa e ridente de preconceitos populares: — *Compra-me esta cautella, que já foi rejeitada por um careca!*

Não se lembram estes adoradores dos *palpites* de que a sorte é capricosa, sem predilecções, e tanto que até os numeros mais despresados dos compradores teem tido a suspirada sorte grande. Ainda ha bem pouco, na loteria de 23 de novembro, obteve a sorte grande o n.º 1, que um jogador apaixonado e persistente comprava havia 30 annos sem alcançar premio. O 5:000, quando era o numero ultimo de uma loteria, teve tambem a sorte grande. Pois houve tempos em que ninguem queria o n.º 1, pobre bola repudiada pelos palpites dos jogaderes. E tambem o n.º 2 teve a sorte grande, e, por signal, tendo sido aberto em cautellas pelo antigo cambista Peres, este fechou a porta, que os jogadores irados pretenderam arrombar, e logo depois liquidou, deixando arruinado o negocio.

A alma popular, o espirito do jogador profésso, sempre ávidos de maravilhas idealizadas, créem com fé ardente nos *palpites*, como seculos antes criam no sebastianismo, nas prophecias do Bandarra e nas predicções do tempo das folhinhas do *Borda d'Agua*.

É chegado o dia da extracção, em que milhares de espiritos pela centesima, pela milesima vez, vão ser feridos de cruel desillusão!

Contemplemos agora de relance o espectaculoso quadro, que chama sempre concorrencia de anciosos ouvintes, suspensos dos labios dos pregoeiros — uma extracção da loteria.

Transportemo-nos a 1785 e observemos como ella então se realizava.

Havia n'aquelle tempo uma só loteria annual, como dissemos, com 22:500 bilhetes. A extracção durava 34 dias e fazia-se com grande solemnidade, assistindo a ella uma commissão de pessoas qualificadas que a mesa da Misericordia nomeava. Abria-se a sala ás 7, 8 ou 9 horas da manhã, com uma guarda de dezoito soldados e um cabo do regimento de Albuquerque. Dentro de duas grandes rodas, feitas em 1784 por J. Francisco Cagniard, estavam as sortes, que eram papelinhos dobrados e numerados á penna, como á penna eram tambem numerados os bilhetes que se vendiam ao publico, uso este que persistiu até não ha muitos annos.

Dois rapazinhos, que a Santa Casa vestia á sua custa, tiravam as sortes das rodas, dando-as aos pregoeiros, que liam e apregoavam o numero e o premio, nos papelinhos que se iam extraindo. Aquelles em que nada havia escripto eram os *brancos*, denominação que se conservou, inexplicavel hoje, para os numeros que n'uma extracção ficam sem premio. Esta monotona operação parava á uma hora para recomeçar no dia seguinte, ficando as rodas guardadas á vista por sentinellas.

Antiga sala das extracções, hoje transformada em museu da Capella de S. João Baptista

Em 1862 a mesa da Misericordia, para acudir á decadencia em que as loterias iam sensivel-

mente esmorecendo, remodelou todos estes anachronicos serviços. Ao passo que dividia os bilhetes em quartos, obtinha que a extracção se fizesse só de um numero de sortes egual ao dos premios do plano e encommendava a um artista nacional, Joaquim Pedro Ribeiro da Costa Holtreman, a execução de um ma-

O cautelleiro do burrinho

chinismo em que as extracções se fizessem com maior rapidez, segurança e perfeição.

Desempenhou-se cabalmente o artifice, construindo as bellissimas espheras de rede metallica, que ainda hoje servem e se admiram na sala das loterias. Semelhantes ás rodas do loto, são animadas de movimento de rotação, dado por um volante, manualmente tocado, de modo que de cada uma d'ellas sae uma bola, cada vez que um dos seus polos vem encontrar na parte inferior o batente que o espera. De uma esphera sae o numero, da outra o premio correspondente.

Tem mudado muito o espectaculo das extracções, mas sempre egualmente concorrido. A agitação, o movimento do largo, onde vendilhões apregoam castanhas, bolos, burriés, limonadas e agua fresca, a agglomeração á porta, guardada por municipaes, tudo denuncia ao mais distrahido transeunte o dia da extracção.

Penetremos na sala recentemente construida para este espectaculo publico. Começa a extracção ás 11 horas. No recinto agglomera-se a multidão. Constitue-se o tribunal, com presidente, empregados, pregoeiros, continuos, municipaes.

Põem-se as rodas em movimento, ouve-se dentro das espheras de rede metallica o sussurro das bolas que lentamente se deslocam; caem as bolas no prato, e os pregoeiros com voz cadenciada declaram o numero e o premio, entregando-as aos conferentes e aos *enfias*, as testemunhas do acto, que as vão successivamente enfiando em arames, de 50 bolas cada um.

O calor dentro do recinto é abrazador, estonteador. O sol a pino, atravez do céo de vidro, requeima os cerebros; o suor escorre copioso em todas as faces congestionadas. Pois a ancia do lucro sempre esperado faz com que o publico mesmo nos dias torridos de agosto resista impavido a todos esses tormentos inquisitoriaes, que nos trazem á mente a lembrança dos circulos do inferno pintados na Divina Comedia dantesca.

Uma boa parte do auditorio é constituida pelos vendedores de cautellas, muitos dos quaes são os *alviçareiros* ou *andarilhos*, peitados pelos cambistas para irem levar-lhes a fausta noticia da *daluda*.

Curiosos typos de um original *sport!* Reforçados das canellas, calçados de sapatos de trança ou sapatilhas, exercitando-se em corridas ao desafio, são verdadeiros *andarilhos*, que se degladiam ferozmente nas carreiras em que disputam o premio com que é do uso serem remunerados pelos cambistas.

Ha alviçareiros de nomeada, verdadeiras celebridades entre a turba-multa dos cautelleiros e da rapaziada das ruas. Alguns figuraram triumphantes nas corridas pedestres de vendedores de jornaes, na Avenida, em 1904. Ali ganharam premios o *Mocho*, o *José Petiz*, o *Grillo*, que teem por competidores o *Chico de S. Christovão*, o *João das Gallinhas* e tantos outros.

Quando o numero feliz sahe da esphera, e do lado opposto se apregoa o premio grande, o *alviçareiro* parte como um touro pela porta fóra, em desatinada corrida. Ai de quem adeante d'elle se encontrar! Quantas victimas tem havido d'estas correrias loucas! Elles ahi vão, descendo as escadinhas do Duque a quatro e quatro, até enfiarem pelo estabelecimento, offegantes, mal podendo falar. Rebentariam se lhes tapassem a bocca!

Alguns ha que chegam primeiro que a participação telephonica conquistando com a significativa e convencional palmada no balcão, a suspirada gorgeta!

Em 1897, na primeira loteria de cem contos, o alviçareiro ao sahir do edificio derrubou uma desgraçada senhora, que passava, mas, sem se deter, proseguiu na carreira. Outro em 1900, pelo Natal, deitou por terra um saloio, que, distrahido, não poude subtrahir-se ao encontrão.

E quantos dramas comicos e lancinantes a noticia da sorte grande tem produzido nos escolhidos da sorte!! De uma vez um lavrador, que comprára um bilhete de uma loteria de doze contos, assistia curioso á extracção e ouvindo apregoar o numero que trazia na algibeira bradou — *Cá está elle, cá está elle!* e louco de alegria correu pela porta fóra. A alguns tem já sido fatal esta impressão. Uma criada de servir a quem sahiu a sorte grande, ao ouvir a nova, pela qual tão feliz se devia reputar, caiu sem sentidos; quando voltou a si reconheceram com espanto que a a misera

O aleijado do Rocio

RELAÇÃO DOS NUMEROS

Que sahirão premiados na NONA PARTE da Loteria do QUARTO TRIMESTRE do corrente anno de 1845, que se extrahio pela Commissão Administrativa da Santa Casa da Misericordia desta Corte.

NUMEROS	PREMIOS	NUMEROS	PREMIOS	NUMEROS	PREMIOS	NUMEROS	PREMIOS	NUMEROS	PREMIOS	NUMEROS	PREMIOS
37503 - -	6$200	37780 - -	6$200	38051 - -	6$200	38320 - -	6$200	38596 - -	6$200	38844 - -	6$200
504 - -	6$200	781 - -	200$000	53 - -	6$200	322 - -	6$200	597 - -	6$200	845 - -	6$200
513 - -	6$200	784 - -	6$200	54 - -	6$200	327 - -	6$200	599 - -	6$200	848 - -	6$200
514 - -	6$200	786 - -	6$200	58 - -	6$200	329 - -	6$200	610 - -	6$200	851 - -	6$200
516 - -	6$200	788 - -	6$200	60 - -	6$200	330 - -	6$200	611 - -	6$200	852 - -	6$200
521 - -	6$200	790 - -	6$200	61 - -	6$200	331 - -	6$200	615 - -	6$200	857 - -	6$200
527 - -	6$200	791 - -	6$200	63 - -	6$200	334 - -	6$200	618 - -	6$200	859 - -	6$200
[illegible] - -	6$200	793 - -	10$000	64 - -	6$200	335 - -	6[illegible]	623 - -	6$200	863 - -	
	4$200	795 - -	6$200	65 - -	6$200			626	[illegible]		

Lista antiga, dos numeros premiados na loteria do 4.º trimestre de 1845

tinha enlouquecido! Outros, não atacados de subita loucura, perdemos habitos regrados de administração, e, fiados nas boas graças da fortuna, tornam-se perdularios, dissipando a breve trecho o que n'um dia a sorte lhes trouxera!

Ha o jogador persistente, que compra, compra sempre, desatinadamente, empregando no jogo o melhor dos seus recursos; este, em geral, é infeliz; enraivece-se, amaldiçôa a sorte e a loteria, declara-se roubado. Outros, os felizes, jogam pouco, sem palpite, por demais; a estes saelhes premio amiudadas vezes. Aconteceu, por exemplo, que um austriaco, de Vienna, escreveu para a Misericordia de Lisboa, perguntando as condições da loteria portugueza, de que por acaso ouvira falar; encommendou um bilhete, porque desejava vêr um d'esses documentos, e logo n'aquelle exemplar, que por mera curiosidade obtivera, sahiu-lhe o segundo premio n'uma loteria extraordinaria, um premio de dez contos de réis!

Geralmente as sortes grandes das grandes loterias recaem em pessoas de avultados bens, capazes de arriscar as incertezas do jogo o custo de um bilhete inteiro. Se a sorte favorece porém um bilhete dividido, quantas familias se alegram, como em 1904 succedeu ao pessoal da guarnição do cruzador *S. Gabriel*.

Alguns revendedores jogam na primeira meia hora da extracção; se a sorte os bafeja, regalam-se com o premio; se nada lhes sae, correm ainda pela cidade procurando vender os vigesimos e cautellas que possuem a incautos compradores. Não é raro ganharem n'este jogo original; ainda ha bem pouco o conhecido vendedor, alcunhado o *Areias*, teve n'um bilhete inteiro a sorte grande dos doze contos, e outro cautelleiro chamado Cesar recebeu um conto e oitocentos mil réis.

O interesse pela extracção e a animação da venda augmentam, sobem ao maior auge, nas loterias extraordinarias, que, segundo o novo regulamento, se realisam duas vezes por anno. Escolheram-se para ellas, a principio, as festas tão nacionaes do Santo Antonio e da Senhora da Conceição. Reconhecendo-se, porém, a conveniencia de effectuar a segunda pela mesma occasião da loteria grande de Madrid, transferiram-a para as vesperas do Natal.

Ainda em 1894 e 1895 *andaram* a 7 de dezembro modestas loterias de 40 e 45 contos, de premio maior; mas em 1897 estrondeou pela cidade o caso novo, sensacional de uma loteria grande, do premio de cem contos. Dizem os jornaes do tempo que nunca em Lisboa se presenceira um espectaculo similhante: a affluencia aos cambistas era enorme, os cautelleiros ensurdeceram a cidade, e comquanto o largo de S. Roque nunca chegue a ter o aspecto da Puerta del Sol, quando está para sahir *el premio gordo*, comtudo mostrava no dia 22 de dezembro d'aquelle anno desusada concorrencia. Depois, de anno para anno foi crescendo o enthusiasmo e subindo o premio grande de 100 a 125, a 150 e, por fim, a 200 contos.

Este primeiro premio de cem contos sahiu no n.º 5:723; o de 1898, que era de 125 contos, sahiu no n.º 4:760 ao opulento negociante e proprietario de embarcações sr. Augusto Machado, que no anno anterior, pela mesma epoca do anno, tivera a agradavel sorte de lhe apparecer um barco que já reputava perdido, e que elle estimava em 14 contos de réis.

Em 1899 subiu o premio a 150 contos e saiu no n.º 6:320 ao sr. Nunes de Carvalho, abastado lavrador em Torres Vedras.

No anno de 1900, egual premio saiu ao sr. Silvino Pires, conhecido droguista da rua da Prata, no n.º 7:252.

Esculapio, na gazetilha d'*O Seculo*, registava o facto, lamentando a sua desdita por não ter sido contemplado da *sorte*, dizendo:

> Nem o valor de um real,
> A mais reles caravella,
> Nem cinco réis, afinal
> Saiu na minha cautella
> Da taluda do Natal!

Vendedora á esquina da egreja do Loreto

Esperando a sorte grande: *Aspectos do largo de S. Roque, no dia da loteria extraordinaria do Natal — Cauteleiros, alviçareiros — Grupos diversos*

Quasi chorei sou-lhes franco,
Ao vêr na lista anciada,
Que percorri n'um arranco,
Que não tinha nada, nada,
Que tinha sahido branco!

Ah maldito cautelleiro
Que a cautella me impingiste
Tumba, maroto, bregeiro,
Que me deixaste tão triste,
Sem cautella e sem dinheiro.

Só depois de vêr a lista,
Que ao inferno o diabo mande,
Me affirmou um novellista
Que sahira a sorte grande
A um conhecido droguista.

Em 1901, com a loteria do Natal, realisou-se a inauguração da sala nova, o que attrahiu ali grande multidão de curiosos. O premio grande sahiu no n.º 3:662. No anno seguinte o contemplado foi o sr. visconde do Cabo de Santa Maria, que havia tres annos jogava com um numero da dezena de 3:631 a 3:640, e que pouco antes recebera da loteria de Hespanha uma sorte de 600 contos. O numero premiado foi 3:640.

Em 1903 coube a sorte, no n.º 5:899, ao sr. Rufino de Carvalho, negociante de Tete, que vinha a caminho de Portugal, onde não voltava havia 20 annos, depois de ter passado vida tormentosa, cheia de revezes e infortunios, nas nossas colonias da Africa Oriental. Lembradas estão ainda as peripecias interessantes da chegada do sr. Rufino de Carvalho, e das suas celebradas generosidades.

No anno de 1904, o bilhete feliz fôra comprado de sociedade pelo pessoal de fogo da 2.ª brigada do cruzador *S. Gabriel*, que estava n'aquelle momento em Mossamedes. Era o n.º 3:305. No anno passado, finalmente, os 200 contos couberam ao n.º 4:631, que um ditoso merceeiro da rua do Marechal Saldanha partilhára com muitos individuos, entre os quaes alguns moços de fretes da esquina proxima.

D'esta maneira as grandes loterias extraordinarias do anno coincidem com os tradicionaes festejos nas ruas e nas praças do santo popular e com a festa familiar da noite de Natal, proporcionando a mais gorda e luzida perùa ao jogador a quem coube a felicidade da sorte.

◉

O epilogo da loteria é a *lista geral*, que leva a todos os recantos do paiz, apregoada pelos vendedores, tantas alegrias e muito maior numero de desenganos.

Folhas volantes se imprimem á pressa, na ancia de ser cada uma d'ellas a primeira a sair do prelo e a espalhar-se pela cidade. São o *Touro*, a *Mascotte*, a *Loteria*, a lista official da Misericordia, os jornaes da tarde e da noite.

Os cambistas mandam deitar areia vermelha, na rua, em frente das suas portas; a rapaziada grita pelas ruas: — *Quem quer vêr a lista geral!* Os curiosos agrupam-se ás portas dos estabelecimentos onde a lista é affixada e onde em grandes lettreiros se lêem os numeros dos premios maiores da extracção do dia!

No recebimento do premio varias singularidades se manifestam. Uns veem apressadamente, no proprio dia, como se secreto presentimento lh'o adivinhasse, e sobraçando a mala, partem no primeiro comboio para Madrid, para Paris, a gosar a *lua de mel* d'este noivado com a fortuna; outros, receosos de si mesmos, ou pretendendo prolongar o goso, vão recebendo o premio por parcellas, como um ditoso que ha poucos annos recebeu o premio grande de uma loteria aos decimos, que ia cortando do bilhete, para receber cada um de mez a mez; outros por fim, descuidados ou victimas de qualquer fatalidade inexplicavel, nunca chegam a receber o premio dos seus bilhetes. Este facto é raro em premios grandes, porém não vae muito longe o caso de ter *prescripto* a favor da Misericordia um premio de 20 contos de réis, nunca reclamado. Nos premios pequenos este desleixo é vulgar, e a somma de todos os premios que os jogadores deixam de receber por qualquer motivo ascende annualmente á respeitavel quantia de alguns contos de réis.

Sobre as listas exercem os jogadores os seus estudos e cogitações, e assim como na roleta, visionarios exaltados pretendem encontrar processos e calculos para exito seguro nas subsequentes loterias. Na maior ou menor sequencia de vezes que certos numeros apparecem na lista premiados, procuram fundamentar calculos de probabilidades. Dois curiosos, revestidos de paciencia, colheram das listas publicadas uma *Relação dos numeros mais premiados desde* 1862 *até* 1901. O prestigio que alguns d'estes calculistas teem obtido sobre a credulidade de espiritos tacanhos é devéras curioso. Elogiando o talento calculista de um d'esses jactanciosos jogadores, dizia-me um pobre diabo, tão tolo como ignorante: — Ah! é homem muito intelligente! até conseguiu por calculos de probabilidades saber os numeros que a sorte de preferencia ha de bafejar!

◉

Gira e progride a viciosa instituição da Loteria, acobertada com a idéa altruista da beneficencia, como em França, como na Allemanha, na Hungria, no Brazil, na Italia, na visinha Hespanha. Umas são emprezas do Estado, outras de instituições pias ou commerciaes diversas. Quantos, porém, no nosso paiz, vivem e lucram com a loteria, desde o thesouro publico que d'ellas usufrue o melhor quinhão, dos quatro grandes estabelecimentos de beneficencia — a Misericordia, os hospitaes dos enfermos, a Casa Pia e o Asylo de Mendicidade, com suas percentagens nos lucros, — até aos cambistas e o grosso exercito dos revendedores, de vadios, de aleijados, miseraveis que vão de porta em porta, de rua em rua, pelas estradas, pelos cafés, pelas tavernas ou locandas tentando a miseria, provocando ao vicio a numerosa classe dos proletarios, que, acorrentados ao trabalho, facilmente se deixam seduzir pela dourada miragem de nunca attingidas riquezas, e gritam aos ouvidos, como tentadora e aguilhoante promessa, o pregão tão popular: — *Aqui está para a grande! Quem me compra a ultima! ámanhã anda a roda! quem quer a taluda!*

VICTOR RIBEIRO.

Brazão d'armas da Santa Casa da Misericordia.

DA LUZ DO SOL Á LUZ ELECTRICA

AS PHANTASIAS DO FUMO — OS ROLOS NEGROS E AS ESPIRAES BREVES — AS NUVENS

O fumo tem lindas phantasias — dizia-me o poeta — por isso, aqui bem sentado n'esta larga cadeira, eu gosto de o vêr sahir do meu cigarro e passo horas a seguil-o com a vista. Umas vezes é claro e revolteante, outras acinzentado e calmo; por momentos vae em confusas torcidas n'uma galgada em que se parece vêr rostos, animaes e até palavras, depois lembra uma larga fita, logo uma breve linha. Não é banal; nunca se manifesta da mesma fórma. E sempre original, por isso o tenho como o melhor dos companheiros.

Arvore do Natal em ferro forjado do seculo XV

«Mas não é só o fumo breve do meu cigarro que eu adoro: é todo elle! É o que sahe em rolos fortes e negros das chaminés das fabricas como uma turba revoltada n'uma noite tragica e o que se evola manso d'um brazeiro como a desenhar suavidades, cousas meio apagadas, objectos de sonho, vagas figuritas d'evocação; é o que corre por sobre as locomotivas vindo do cano da machina e que recorda cargas agitadas d'exercitos no espaço e tambem o que sahe dos thuribulos, e que parece formar grandes prestitos onde vão virgens e onde vão preces; é o que fica nos ares como um adeus quando os paquetes desapparecem e o que sahe dos incendios — sim, mesmo esse — que parece enramar florestas, gerar batalhas rapidas, desenrolar bandeiras negras e ser como um largo panno a occultar a infamia que a chamma, sua mãe, vae commettendo.

«É com o fumo e com as nuvens do céo que eu me entretenho, porque se um me dá as mutações rapidas, as impressões seguidas, voluveis e phantasticas, as outras dão-me o mesmo, mais devagar, mas com a côr, a rubra dos poentes e a dourada das auroras, a azul dos dias lindos, as negras dos invernos fortes, a alva de que só gosto ás tardes e que por vezes recorda serranias alpinas cobertas de neve.

Assim falou o poeta n'uma voz dolente, sonhadora e apaixonada.

A PRIMEIRA ILLUMINAÇÃO — DO FACHO Á LAMPADA — AS LAMPADAS DE FERRO E OS TOCHEIROS

Um castiçal do seculo XII

Depois foi mais concreto; declarou que o seu amor por essas lindas phantasias do fumo o levára a entrever toda uma longa historia: a da illuminação.

Como isso me parecesse demasiadamente paradoxal e ousado, o poeta explicou então:

— Ao vêr arder um feixe de ramos no campo parece-me vêr ainda o homem no seu periodo apenas animal, tendo descoberto o fogo e illuminando a sua caverna. Vejo-o então nas espiraes d'esse fumo, barbudo e acocorado, com as armas de pedra ao lado vigiando a prole adormecida. Foi aquella a primeira illuminação do mundo sem falar no sol e na lua, fogos que nós não accendemos, luzes que não podemos regular. Vejo-o ainda formando com barro a sua lampada pequenina e bicuda como as que se topam nos museus e nas ruinas de Pompeia. E tambem nas vagas nuvensinhas que d'ellas sahem quando as accendo, porque tenho algumas, vejo o já a caminho da civilisação, obreiro a fazer as primeiras casas, marinheiro a vogar nas primeiras jangadas, logo a erguer pyramides, de seguida a escrever o primeiro abcedario.

Tocheiro em ferro forjado do seculo XV

«O fumo que sahe dos archotes resino-

Cerial do seculo XII

sos e d'essas velas largas e amarelladas dá-me a impressão d'outra maneira mais moderna, mas ainda de seculos, do homem que á sua luz se agitava.

«São as largas casas com as suas mesas postas e em volta cavalleiros forrados de ferro a devorarem viandas; são as mulheres reclinadas nos escabellos e os peões segurando essas luzes que as illuminavam. É a epoca do brandão a arder n'um periodo medievo.

«As velhas lanternas de ferro suspensas dos tectos abaulados, os grandes elos de ferro nas paredes onde se collocavam os brandões, os tocheiros humanos, os escravos segurando os grossos archotes, tudo isso eu vejo no fumo que sahe d'esses rolos largos que illuminaram o homem n'outras eras.

«Assim com essa vaga phantasia d'uma nuvem esfumada eu atravesso os seculos.

«É então positivamente a tocha que chega no seculo XV e quando a vejo ainda hoje arder, nas egrejas, rolando lagrimas grossas de cêra, pingalhando um pranto de bagas rapidas, penso vêr ainda a era em que ella illuminava Deus nos altares, como hoje, e tambem o homem no seu lar.

«Aquelle seu fumo dá-me a visão de batalhadores repousando após as lides em cochins fôfos e de frades doutos e sabios buscando segredos no fundo das suas cellas, traz-me a marca de amorosas reclinadas em balcões emquanto lá dentro a chamma hirta da tocha illumina retratos de antepassados; e tambem me traz vultos de inquisidores julgando e condemnando sempre e cortejos lugubres de homens e mulheres do sambenito e carocha segurando a sua vela a caminho da fogueira de expiação.

«A tocha e a sua congenere, o rolo curto que se mettia em lanternas; o azeite e os oleos que se punham em lampadas, illuminaram a vida portugueza até ao seculo XVII.

«E eu vejo-a toda no fumo d'esses brandões que ardem ainda nas egrejas, pareço avistar rostos nobres e bandeiras cruzadas de vermelho, cavalgadas onde tudo são sedas e ao longe mares que se sulcam pela primeira vez.

OS CANDIEIROS DE LATÃO — AS VELAS TORCIDAS — AS MONJAS E OS PERALTAS

«Então na luz mansa e no fumo breve do candieiro de tres bicos que se seguiu e de que ha uma variedade enorme desde o do tempo dos Filippes até ao que illuminou o serão das nossas avós, eu vejo tambem a vida do seu tempo. São as recamaras onde se cochicham conjuras e os leitos altos com santos embutidos nas cabeceiras, onde se abraçam amantes fugidos, elle escapado da hoste, ella temerosa do convento; são cabeças brancas de velhinhas sonhadoras que recordam com a melancholia que julgo vêr nos seus olhos a pagina negra de Alcacer-Kibir. São ainda rameiras que pousam os pés nos estribos largos dos coches reaes e incestos e ainda batalhas.

«Depois, n'essas mesmas nuvens de fumo que sahe dos bicos dos candieiros que illuminaram isso tudo — candieiros de prata com o seu pára-luz e o seu espevitador de latão, de bojo rotundo, de dois e de tres bicos — eu vejo tambem as cellas das monjas.

«Essas ou usavam apenas o brandão seraphico á luz do qual oravam a Deus ou então em cellas ricas as lampadas onde ardiam oleos aromaticos e ainda a vela torcida enfeitada a ouro e colorida, o cirio, que lhes illuminava as pompas e decerto lhes queimava as consciencias.

«O fumo d'uma d'essas velasinhas dá-me ainda agora mesmo a visão d'um seculo de peraltas e de rezas: é o seculo XVIII no seu declinar.

«Vejo as fidalgas mesureiras nas grades dos conventos, os poetas lamechas glosando motes, vejo as seges rodando e toucados altissimos que o fumo parece desenhar mais accentuadamente ao ennovelar-se.

«Nas alcovas brancas que essas coloridas velas illuminam, creanças fidalgas dormem, virgens de boa raça sonham com os amores e com o céu e pareço vel-as em toda a alvura da sua carne e em toda a flexibilidade dos seus corpos subirem realmente para os espaços n'essas nuvensinhas brancas que sahem das velas do seculo XVIII que ainda hoje se fabricam.

Um antepassado do "castiçal"

«E ao mesmo tempo vejo tambem as ruas escuras até esse tempo e vejo-as assim no momento extremo em que a vela galante oscilla a sua derradeira chamma n'uma convulsão de agonia.

COMO SE ILLUMINAVA LISBOA — PINA MANIQUE E OS LATOEIROS — A LUMINARIA

«As ruas, ou antes essas viellas estreitas onde era perigoso transitar por deshoras, só tinham a illuminal-as a luz bran-

Tocheiro em madeira esculpida do fim do seculo XV

Uma lampada de azeite do seculo XVII. (Museu das Janellas Verdes)

ca da lua, alguma lampada de nicho de santo ou a raros intervallos as lanternas com que os lacaios alluminavam as passadas dos senhores.

«E então evoca-se ainda n'uma nuvem de fumo d'essas velas, na hora em que se vão extinguir, espadas que se cruzam, peitos que se rasgam, lenços que se ensopam em sangue, bandidos que se acoutam nas esquinas, todo o horror das noites negras e vê-se Pina Manique com o seu tricorne e a sua luneta á Pombal illuminar a cidade por um engenhoso processo.

«A primeira vez que Lisboa teve as suas ruas illuminadas foi a 17 de dezembro de 1780, em que fazia annos D. Maria I. Manique ordenou que todos os moradores illuminassem as suas casas e isto durou até 1792.

«É o que posso vêr ainda n'essas luminarias dos dias de grande gala, lanternas que depois de servirem para o regosijo publico se vão espetar nas quitandas dos vendedores ambulantes.

Um candieiro de azeite do seculo XVIII (portuguez). (Museu das Janellas Verdes)

«Foram lanternas assim que serviram para illuminar Lisboa até que um edito do intendente ordenou aos latoeiros da cidade que fornecessem cada um seis lampeões e aos moradores que os alimentassem. E vejo então a cidade n'uma meia treva com as luzes dos nichos e com a quota dos moradores.

«A luminaria que hoje se offusca diante da electricidade já foi soberana!

O meu amigo poeta parecia acordar do seu sonho, d'essa phantasia louca em que elle acompanhava as nuvens de fumo a marcar como o homem dos seccos ramos passara a illuminar-se com os archotes e as lampadas de ferro, como seguira para o brandão e para o candieiro de tres bicos de diversos generos; depois a vela galante. o cirio maneirinho, até que a lanterna se impuzera a illuminar não só as casas mas as ruas...

Sorria então como cançado

Lampada de azeite 1820. (Museu das Janellas Verdes)

Um candieiro de azeite do seculo XVII (hespanhol)

Placa para velas estylo D. João V (Paço de Queluz)

de ter seguido n'uma galgada essa extranha phantasia do fumo a dar-lhe visões e concluia ao cabo d'uns momentos:

—Então podia-se sonhar assim. O gaz matou os sonhos.

QUEM INTRODUZIU O GAZ EM LISBOA — ONDE ESTÁ O CANDIEIRO N.º 1 — QUANTOS CANDIEIROS TEM LISBOA — A LUZ ELECTRICA — O FUMO D'UMA VELA DE SEBO

«Foi esse perdulario fidalgo, tão perdulario como artista, que querendo dar ás suas festas uma nota rija de phantasia, alimentar o luxo com as innovações, que illuminou as Larangeiras a gaz ahi por 1840.

«Filippe Lebon inventára esse systema d'illuminação no começo do seculo XIX e logo o Farrobo, ao saber que lá fóra o luxo, a moda, estava n'isso, o trouxe para as suas festas. Essa luz crua, hoje já tão irritantemente baça, lembra-me ainda o tempo em que foi introduzida entre nós. Mas já não é o sonho como no fumo que sobe. É a realidade e é o constitucionalismo. Aquelles homens de casaca verde garrafa com botões d'ouro, já sem espada, de cabellos cortados, as camisas peitilhadas com brilhantes a tremuluzirem no refolhado dos bofes, aquellas mulheres de cabelleiras em sacarolhas, as saias abaloadas, os peitos mal contidos nos decotes, aquellas musicas que soavam, aquelles eires que partiam no theatro, os amores dos bosques de buxo e as danças no salão onde se continuava a amar, foram os ultimos sonhadores e os primeiros pares portuguezes que se enlaçaram á luz do gaz. Depois não houve mais romanticos a não ser casos esporadicos, creaturas doentes, phenomenos d'alma, gente que parece ter ficado d'outros seculos a dormir no fundo d'uma lapa, como eu, que ainda teimo em vêr nas espiraes as epocas illuminadas pelas materias d'onde esses rolos sahem.

Um candieiro de azeite de 1830 (Museu das Janellas Verdes)

«Sim, eu — bradou o poeta — eu que ainda sonho quando desde 1840 isso não se faz; eu que sei como os dez primeiros candieiros de gaz do Farrobo mataram as illusões. Que faria depois?! O gaz foi tornado extensivo. A cidade illumina-se com elle desde 1850; agora entrou n'um monopolio!...

«Depois, no fumo negro do petroleo, são lares burguezes e casas de miserias, o piano e as roupas rotas, os paes em volta da mesa, o jogo do loto e a carta de namoro com o seu coração e a sua setta.

Placa para velas em estylo Luiz XVI

«E ainda sonho no momento em que Lisboa já não tem um só beco sem luz, um só recanto sem um candieiro, uma só viella sem um bico de gaz, d'esse gaz que tornou tudo burguez e no qual não consigo vêr o que vejo nas espiraes de fumo. Elle é egual, pratico, positivo; a sua chamma é honesta, não é voluvel. É uma luz para pacatos e d'ahi os 9:182 candieiros que se espaçam por essa cidade fóra desde as portas d'Algés onde está o n.º 1, por todos os lados, por todas as arterias, por todos os sitios, como n'uma confusa rêde, até o ultimo d'elles, o de numero mais alto, ficar no largo do Matadouro, junto ao logar onde se vae levantar o monumento a José Fontana.

Lampada electrica para illuminação publica

«O ultimo candieiro burguez illuminará dentro em pouco a face de pedra do primeiro socialista d'estes reinos, até que a electricidade, que já começa a chapejar as ruas da baixa, a vá illuminar tambem.

«O gaz dentro em pouco entrará na agonia, a electricidade reinará em absoluto.

—E folgas com isso, tu, sonhador, que segues o fumo do teu cigarro e o dos incendios, das locomotivas e dos thuribulos?

—Sim... — disse, n'um rompante, o caro poeta.— Porque á sua luz sempre egual e sem oscillações, intensa e forte, eu poderei ainda seguir as pequeninas nuvens de fumo e as suas phantasias eternas mesmo as d'uma fumarenta candeia das nossas pobres cozinhas aldeãs ou as d'uma vela de sebo em pleno seculo das... luzes!

R. MARTINS.

Um castiçal Imperio (reinado de D. João VI)

UMA FEIRA DE PERUS
Aspecto ao Largo de S. Domingos na manhã do dia de Natal

A ADORAÇÃO DOS MAGOS
Quadro da escola flamenga existente no Museu das Janellas Verdes